



NATÁRIO, Maria Celeste. Da épica à filosofia. Entre Gonçalo M. Tavares e Agostinho da Silva. In: **Revista Épicas**. Ano 3, N. 6, Dez 2019, p. 1-8. ISSN 2527-080-X.

**DA ÉPICA À FILOSOFIA.
ENTRE GONÇALO M. TAVARES E AGOSTINHO DA SILVA
FROM EPIC TO PHILOSOPHY.
BETWEEN GONÇALO M. TAVARES AND AGOSTINHO DA SILVA**

Maria Celeste Natário¹
(Universidade do Porto)

RESUMO: Do Ocidente ao Oriente, consideraremos o tópico da viagem enquanto procura, enquanto simbolismo a partir do qual se pensará “a Índia que procuramos”. A nossa referência é o livro *Uma viagem à Índia*, de Gonçalo M. Tavares, a partir dele estabelecendo aproximações com Agostinho da Silva, em particular com o seu livro *Ir à Índia sem abandonar Portugal*.

Palavras-chave: Índia; Viagem; Ocidente; Oriente; Agostinho da Silva; Gonçalo M. Tavares.

ABSTRACT: From the West to the East, we will consider the topic of travel as demand, as symbolism from which one will think "the India we seek." Our reference is Gonçalo M. Tavares's book *A Trip to India*, from which he established rapprochements with Agostinho da Silva, in particular with his book *Go to India without leaving Portugal*.

Keywords: India; Travel; West; East; Agostinho da Silva; Gonçalo M. Tavares.

¹ Coordenadora do Grupo de Investigação *Roots and Horizons of Philosophy and Culture in Portugal* / Instituto de Filosofia / Faculdade de Letras da Universidade do Porto / RG-PHIL-Norte-Porto-502-1948.

O vocábulo “Oriente” como quase sinónimo da(s) Índia(s) percorre diferentes tipos de pensamento e discurso na cultura portuguesa. Devemos, a nosso ver, concebê-lo como um “Topos”. Isto é, não somente um lugar, mas sobretudo um argumento retórico. Como lugar, ele que se alimenta-se de várias geografias, em que um sujeito organiza o mundo em função da sua posição de partida, antes pois de qualquer viagem. Importa assim referir que estes “topos”, como lugares ou geografias, resultam sobretudo de criações do homem. Mas enquanto criações do homem depressa se apresentam, nos seus discursos, como parte das premissas gerais ou particulares dos seus raciocínios. Edward Said, ainda que fale sobre um outro oriente na sua obra, escreve:

O Oriente não é um facto inerte de natureza. Não está ali, do mesmo modo que o Ocidente não está exactamente ali [...]. Esses lugares, regiões e sectores geográficos que constituem o Oriente e o Ocidente, enquanto entidades geográficas e culturais – para já não dizer históricas – são criações do homem. Por conseguinte, tanto como o Ocidente, o Oriente é uma ideia que tem história e uma tradição de pensamento, imagens, e um vocabulário que lhe deram uma realidade e uma presença no e para o Ocidente (2004, p. 5).

É desta ideia e presença que pensamos a temática da viagem, de uma viagem à Índia. Com referências de tradição milenar, a viagem, considerada como protótipo da narrativa literária, todas as narrativas são potencialmente uma viagem de um ponto ao outro do universo geográfico e/ou mental. Entre os primeiros textos literários, vale a pena referir o destaque dado à *Epopéia* de Gilgamesh, um antigo poema épico de origem suméria, gravado em tábuas de argila e cuja primeira versão remonta a mais de dois mil anos antes de Cristo. Ou ainda o mais antigo e mais longo texto da nossa humanidade, *Maabarata*, que reuniria textos da literatura oral com mais de cinco mil anos. Também não usaremos aqui as primordiais viagens de Gilgamesh ou de Krishna. Também não nas de Ulisses, Eneias, Vasco da Gama ou Fernão Mendes Pinto.

Quão longa é a história das marcas, dos sinais e percursos através da história, do tempo e espaço, que são abordadas naquilo que podemos chamar ao mesmo tempo presença e ausência de realidades, ilusões, imaginários e utopias. Todas elas em certo sentido se repetem e se distinguem entre si. A literatura universal oferece-nos os mais diversos exemplos de viagens, significativas nos seus mais diferentes olhares, mas todas

elas são ainda e sempre correspondentes a uma busca de sabedoria, se não quisermos abusar da estafada expressão “busca da verdade”.

Desenvolveremos algumas aproximações entre dois textos portugueses, de bem distintas épocas, que foram marcando a literatura portuguesa nos séculos XX e XXI, na visão que propõem da viagem à Índia, dois livros que parecem especulares: *Ir à Índia sem abandonar Portugal* (1994), de Agostinho da Silva, e *Uma viagem à Índia* (2010), de G. M. Tavares. Ainda que, como epígrafe deste nosso estudo pudéssemos colocar algumas das palavras iniciais de Maabarata: “O que for encontrado aqui, pode ser encontrado em qualquer outro lugar. Mas o que não for encontrado aqui, jamais será encontrado em outro lugar”².

Move-nos a concepção de viagem que, a partir do imaginário dos arquétipos, narra e apresenta o homem que procura aprender no espaço, de algum modo convicto que é pelo movimento, pela descoberta de lugares espaciais que o sentido da vida será iluminado, desocultado... Nesse sentido, pensamos uma identificação da viagem com a vida, aquele milagre que mais cedo ou mais tarde descobriremos mas que os silêncios ensurdecedores não permitem ouvir.

Ainda à luz dessa concepção de viagem, em todas as epopeias do passado como do presente os seus autores necessitaram para se descobrirem de sair de si, isto é, sair do tempo para o espaço, onde só aí, e então, ao descobrir o outro, ou também o outro de si, conseguem dar sentido às suas viagens. Mas que sentido? Será que em todas as viagens empreendidas é o paraíso o paraíso final?

Aparentemente não. Sabemos, pelas duas narrativas de que nos ocuparemos, que o paraíso não está nos destinos procurados por Agostinho da Silva ou G. M. Tavares. Eduardo Lourenço, prefaciando *Uma viagem à Índia*, escreve enquanto leitor que reflecte a viagem do autor: “Não viajamos para nenhum paraíso”. Até porque, continua o prefaciador, “todas as viagens são sempre um regresso ao passado de onde nunca saímos” (2010, p. 5). Por isso, e referindo-se em termos mais alargados às viagens que inventamos, refere-se-lhes como “a não viagem que nós próprios somos” (Ibidem). O mesmo parece suceder no texto de Agostinho da Silva, onde o tópico da viagem tem também sempre uma dimensão ontológica.

² In <https://pt.scribd.com/doc/82190484/Mahabharata-Portugues> (consultado a 09.03.2018).

Mas, pela reiterada importância que a temática da viagem reveste por via de um história quase tão antiga como a do próprio homem, o périplo é, em termos gnosiológicos, um desvendamento, literalmente um retirar da venda, uma revelação. O périplo tem sido, nesse fio do tempo e numa inultrapassável curiosidade que assiste à humana condição, um motivo maior de “sobrevivência”, por aquilo que impulsiona a viagem: a necessidade e o acaso, o desejo e o prazer da aventura, mas também a descoberta do outro, de nós próprios e do que está mais além. A viagem exprimirá sempre um desejo de mudança, uma necessidade de experiências novas, decerto pelo sentido de insatisfação, pela vontade que leva à procura de mais elevados e novos horizontes.

Não nos importam assim, nem aos nossos autores parecem importar, as descrições narrativas dos pormenores das viagens, das biografias, reais/históricas ou imaginadas/ fictícias. Interessa-lhes e interessa-nos antes reflectir a partir destes dois textos da nossa literatura de viagens à Índia, alguns mistérios do homem e do mundo, adoptemos nós ou adoptem eles um ponto de vista pessoal ou colectivo. Só assim se poderá entender o assunto épico proposto por G. M. Tavares, entremeado por longas descrições daquilo que não vai falar, tão tipificado pelas anteriores epopeias.

O assunto é claro na sua intencional anacronia e anatópia, misturando a viagem real que G. M. Tavares fez à Índia entre 2003 e 2010 com a de uma personagem fictícia de *Ulisses*, de James Joyce, autor irlandês dos inícios do século XX: “Falaremos de Bloom/ e da sua viagem à Índia; Bloom/ e da sua viagem no início do século XXI; Bloom e da sua viagem/ de Lisboa à Índia” (2010, p. 31). Tal como em Agostinho da Silva, cuja viagem também destinou uma Índia, sabendo que essa Índia nunca seria ainda o destino final, mas nem por isso deixando de embarcar sempre... Só assim, com efeito, o périplo pode constituir formas múltiplas de conhecimento.

A viagem da aventura dramática ainda que burlesca do herói de G. M. Tavares, Bloom, o homem que não tendo que encontrar nenhum paraíso tinha contudo que dar um sentido ao que é mortal, significa ainda que a razão “permite algumas viagens longas”, seja para “rir às gargalhadas” ou para “chorar”. Nesta “repetição da viagem iniciática do Ocidente”, tendo como “modelo” a *d’Os Lusíadas* (2010, p. 13), Bloom revisita esse Oriente, essa Índia, nas palavras ainda de Eduardo Lourenço, “como versão lúdica e paródica de uma *quête*, aleatória e como tal assumida” (2010, p. 13).

Aproximamo-nos assim do conceito de “não lugar”, tal como nos é hoje definido por Marc Augé, já que a viagem, no século XXI como no século XVI, é uma forma acelerada e catalisadora da energia da deslocação num sentido, ou direcção:

Os não-lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e dos bens (vias rápidas, nós de aeroporto, aeroportos), como os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são arrebanhados os refugiados do planeta (2007, p. 33).

Nesse sentido da indeterminação se devem ler os dois textos, o de Agostinho da Silva e o de G. M. Tavares. Um Norte, um Oriente, uma Índia, uma orientação, são “topos”, lugares-argumentos que se procuram numa direcção em que a lonjura cessa, mas onde ninguém fora de nós próprios mostrará a direcção. A este propósito, Kafka, em *A metamorfose*, afirmava:

Já no tempo de Alexandre, as portas da Índia estavam fora do alcance, mas ao menos o gládio do Rei mostrava a sua direcção. Hoje, as famosas portas estão mais longe e mais inacessíveis; mas ninguém mostra a direcção; muita gente brande gládios mas o olhar que pretende segui-los perde-os de vista.

Naturalmente que não foi por acaso que recorremos a esta citação. Ela surge precisamente na abertura da obra de Gonçalo M. Tavares *Uma viagem à Índia*.

O barco que Gonçalo M. Tavares constrói e onde embarca o seu personagem, navega nas águas transparentes de uma ficcionalidade consciente e por isso de profunda realidade. Assim, não será de estranhar que esta viagem seja em certa medida considerada uma viagem de regresso, mesmo que o vazio do início da viagem seja mantido, mas onde o desafio, o confronto se mantém.

Verdadeiramente, não se tratará de uma outra viagem, mas mais de uma continuidade, porque, como afirma Gonçalo M. Tavares, “à Índia não se chega, meu caro, na Índia caminha-se” (2010, p.302). E, por isso, se é possível falar de uma viagem de regresso, ela decorrerá do desafio mesmo do enigma da própria existência, onde se embarca continuamente, sabendo que no plano espacial se descobre, se tem consciência que afinal não seremos viajantes numa viagem “obrigatória”, desígnio dos homens, sempre em busca da embarcação que no máximo, e depois de iniciada a viagem, nos trará de volta. Porque afinal partir significa sempre voltar, no sentido em que a sabedoria a que se chega decorre de uma consciência da procura do impossível,

em que os deuses actuam mas não existem. Mesmo assim, são eficazes estes deuses dos “périplos”, dos círculos.

A viagem à Índia, às Índias, aos Orientes são modelo de percursos e aventuras espirituais que nos trazem (não necessariamente mas só previsivelmente) uma compreensão do mundo, da história e de nós mesmos, também uma hipótese de “choque” civilizacional/ cultural, a cujo “impacto” os “protagonistas”, literalmente os que primeiro (proto-) consubstanciam a luta (-agon), não podem permanecer alheios, sob pena de se perderem na viagem.

A metáfora da condição humana, a inquieta busca no tempo, da própria superação do tempo no espaço, repercute também e em grande medida a tentativa de superação da humana condição mortal. E se a literatura é, desde tão longa data, um meio para testemunhar essa condição, ela é também, desde logo, um caminho, uma viagem, que de forma superior o homem foi encontrando com vista a uma mais sólida âncora para a vida.

Naquele que foi considerado um dos últimos testemunhos de Agostinho da Silva, *Ir à Índia sem abandonar Portugal*, o seu pensamento sobre a vida, liberdade e solidariedade é o testemunho também de uma viagem cujo percurso pode comparar-se em boa medida à viagem do poema-romance de Gonçalo M. Tavares. Em grande medida, Agostinho da Silva e Bloom representam um modelo de herói na aventura e procura de conhecimento no mais amplo sentido. Escreverá Agostinho da Silva, em outro dos seus livros, *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*: “Não me tentam nada as estradas que vão de um ponto a outro, de que sabemos, à partida, a quilometragem e a direcção; tentam-me as estradas que não vão dar a nenhum ponto (...)” (1997, p. 35-36).

Do tempo para o espaço e para o mundo, Agostinho da Silva diz ter ido a toda a parte, percorrendo todos os continentes como uma espécie de peregrino, mas com a particularidade de estar e ser sempre em viagem. É ele próprio que nos fala do prazer de embarcar – afirmando ainda que o seu percurso é o “embarcar sempre, acreditando cada vez menos nos pontos de chegada (...), num navio que nunca chegará, rumar por mapa e bússola ou goniómetro para o porto que não existe” (1999, pp. 35-36). Curiosamente, Agostinho da Silva antes de partir já *caminhava* na Índia:

Para o que ama a Verdade não há descanso nem termo, porque a vê no próprio caminhar, a surpreende no esforço contínuo da marcha; o amor da Verdade não é um desejo de chegar, mas o anseio de superar. Não me importa o resultado, mas o método (1999, p. 37).

Por isso, as viagens de Agostinho, como de G. M. Tavares, através da heteronímia de Bloom, aconteceram por caminhos nos quais o ponto de chegada ou o fim da viagem era sempre a de viajantes de passagem. Os mapas e as bússolas de ambos apenas indicavam horizontes, horizontes sucessivos, de oceanos sem fim à vista, onde a exuberância da viagem era tanto maior quanto mais autêntico e verdadeiro fosse o ideal, a capacidade criadora para considerar grande o que ao primeiro olhar pode parecer pequeno. Nas verdadeiras viagens, o que sobretudo importa é a ousadia do timoneiro do barco, enfrentando todos os ventos, todos os gigantes, e ser capaz de se colocar de frente a uma vida *ilusória*: porque consciente de que o que é mais difícil é ao mesmo tempo o mais banal e o mais sublime.

Bloom embarca sem grandes expectativas, mas faz a viagem à Índia, vindo ele próprio a descobrir que essa viagem é a própria vida. Agostinho vai a todas as Índias, embarca em todas as viagens, sabendo à partida que a vida é isso mesmo, sem por isso nunca se desiludir, sempre grato por embarcar. De algum modo, Bloom é um herói mais trágico, como a própria vida pode ser ou em grande parte é. Em Agostinho, a vida é sobretudo um dom: toda a tragicidade da vida se encontra amenizada pelo lirismo contemplativo, sem as expectativas sequer de uma “anagnorisis”, um reconhecimento da ausência de sentido certo. Todavia, essa ausência de sentido assume um sentido “outro”, tal como, nas suas próprias palavras, “não fazer nada” poderá ser mais, muito mais, do que ter a ilusão de querer fazer alguma coisa.

Ambos, Agostinho da Silva e Blomm (e Gonçalo M. Tavares?), são, assim, protagonistas de périplos que ensinam o valor da Índia como “sem-lugar”:

É com uma imagem de si próprio que se acha em última análise confrontado, mas com uma estranha imagem da verdade. O único rosto que se desenha, a única voz que ganha corpo, no diálogo silencioso que desenrola com a paisagem-texto que a ele se dirige como aos demais, são os seus – rosto e voz de uma solidão ainda mais desconcertante pelo facto de evocar milhões de outras (AUGÉ, 2007, p. 87).

Referências bibliográficas

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da Sobremodernidade.**

Trad. M. Serras Pereira. Lisboa: Editora 90º, 2007.

LOURENÇO, Eduardo. prefácio. In: TAVARES, Gonçalo M. **Uma viagem à Índia.** Lisboa:

Caminho, 2010.

SAID, E. **Orientalismo.** Lisboa: Cotovia, 2004.

SILVA, Agostinho da. *Glossas.* In: _____. **Textos e Ensaios Filosóficos.**Vol. 1. Lisboa:

Âncora, 1999.

SILVA, Agostinho da. **Sete Cartas a um Jovem Filósofo.** 2ª. ed. Lisboa: Ulmeiro, 1997.

SILVA, Agostinho da. **Ir à Índia sem abandonar Portugal/ Considerações/ outros textos,**

Lisboa: Assírio & Alvim, 1994

TAVARES, Gonçalo M. **Uma viagem à Índia.** Lisboa: Caminho, 2010.